



PFALZ. — CASTELLO DO RHENO.

Abaixo d'Oberwesel, as immensas relvas d'alguns prados apertados entre as montanhas da margem esquerda do Rheno são banhadas pelas águas; mas as cadêas de montes servindo de muros, não deixam em breve ao rapido curso do rio senão um leito alcantilado.

O Rheno borbulha de roda do Pfalzgrafenstein ou rochedo dos Condes-Palatinos, base do castello que se chama Pfalz. Esta antiga fortaleza parece fluctuar á superficie do rio; as águas resoam de dia e de noite vindo quebrar-se contra o seu talhamar coberto de ferro. Tem desafiado a raiva dos ventos, o choque das correntes furiosas, e os assaltos dos exercitos. Nunca foi accessivel senão por meio da escalada, e, como outr'ora, apenas tem a grande altura sua porta defendida por uma pesada grade que parece separal-a do mundo. No pateo interior, de forma irregular, o torreão eleva os seus diversos andares; um poço é ali alimentado por uma nascente que profunda muito mais que o leito do Rheno.

Segundo um antigo costume feudal, era n'este castello que deviam nascer, em signal de possessão, os senhores palatinos d'esta parte do rio.

Construida desde 1326, no tempo de Luiz de Baviera, esta fortaleza pertence hoje ao duque de Nassau. Destinada primeiro para servir á re-

cepção da portagem que os barcos deviam pagar, Pfalz tornou-se em prisão d'estado. Quem dirá quantas vistas se tem dirigido das prisões para os picos das montanhas que se arremessam em liberdade para os ares! quantos gemidos tem abafado o susurro confuso das ondas e tufões do rio!

Sobre a margem direita, as velhas habitações, e as torres das antigas muralhas da pequena cidade de Caub são banhadas pelo rio; e sobre uma das montanhas que parecem accumular-se para a esmagar, elevam-se as ruinas do castello de Goutenfels, Caub, depois de ter pertencido a diversas familias alemãs, passou ás mãos dos condespalatinos quasi no fim do seculo XIII. Esta pequena cidade teve a sua parte de desastres na guerra dos trinta annos. Tomada em 1620 pelos imperiaes, um assalto a entregou em 1631 aos hessenses, que deviam abandonal-a onze annos mais tarde.

O castello de Goutenfels tinha os seus burgraves particulares. Depois de ter resistido intrepidamente, em 1504, ao landgrave Guilherme de Hesse, tinha saído quasi são e salvo d'estas lutas, quando, caído nas mãos dos exercitos francezes, foi arruinado em 1807.

Longas escadas conduzem da cidade a estas antigas muralhas. Sobre o caminho, vê-se um

SETEMBRO, 12, 1857.

rochedo mais adiantado d'onde Gustavo Adolpho deu as suas ordens em um ataque contra os hespanhoes, que se tinham fortificado sobre a margem esquerda do Rheno.

INDUSTRIA MANUFACTURARIA.

CURTIMENTO DE PELLAS.

Conclusão.

O emprego da agua como motor é de grandissima vantagem n'um processo como este.

Osapparelhos que o motor tem de mover, compõe-se d'um pisoeiro ou tonel, onde se mettem para os pisar os coiros eurtidos; depois, de grandes toneis de tres metros de comprimento, e tres de diametro, que servem a conter os coiros grossos, que se querem curtir pelo novo systema; emfim, de toneis menores com dois metros de comprimento e dois de diametro.

N'esta descripção seguiremos o plano da propria fabrica do inventor, em Strasburgo, exemplificando com ella.

Todos aquelles toneis, assim como o pisoeiro, são ali animados por um movimento rotativo pela acção de duas rodas hydraulicas.

A primeira transmite o movimento a um eixo horizontal pelo intermedio de rodas direitas.

Este eixo é munido de pinhas d'angulo, endentando com rodas presas sobre os eixos do pisoeiro, e dos grandes toneis, que fazem gyra com um movimento de nove a dez voltas pouco mais ou menos por minuto.

N'este mesmo eixo estão fixas as roldanas, que transmittem o movimento, por intermedio de correias, aos toneis pequenos, cuja celeridade é de cerca de quatorze a quinze gyros por minuto.

A segunda roda hydraulica faz mover um eixo por meio de rodas direitas, e este os toneis contidos n'uma secção annexa ao local anterior, pelas pinhas, rodas, e roldanas dispostas de modo analogo ao movimento dos apparelhos semelhantes collocados na secção principal.

N'esta secção estão tambem collocados os toneis verticaes que servem á preparação do sumo concentrado da casca, dispostos em circulo á roda de uma bacia com a qual communicam por tubos.

Esta bacia recebe o sumo da casca durante a sua preparação, e com bombas o passam de uma a outra bacia e o distribuem em todos os toneis moveis.

Para operar esta distribuição, estão dispostos conductores de lata, de modo que estabeleçam uma communicação facil entre as bombas, os toneis de preparação nos quaes ellas sorvem, e cada um dos toneis moveis que particularmente servem á operação principal do curtimento.

Nos andares superiores do maior edificio estão collocados o moinho, e o corta-casca, os quaes são movidos por meio de um eixo inter-

mediario. N'este eixo estão fixas uma roda direita, uma pinha d'angulo do moinho, a roldana, e o corta-casca.

As bombas são egualmente movidas pelo motor principal, por intermedio de roldanas e manivellas.

Deve intender-se emfim, que todas estas obras e disposições por menor, são insignificantes para o systema propriamente dito de *curtimento acelerado*.

Pode ver-se pelo que antecede, que uma das principaes causas da acceleração do curtimento, resulta do emprego d'estes novos processos, e reside no impedimento do contacto do ar com o cortim, e com as pelles que estão mergulhadas n'elle. Infelizmente dando-se que os toneis não estejam constantemente cheios, e conttenham por isso mais ar do que o preciso para a decomposição do cortim, com o que se reduziria consideravelmente a acção que devia ter sobre as pelles, carece-se de remediar este inconveniente, e consegue-se pelo segundo processo, cuja descripção segue.

Sendo o problema a resolver não só impedir o contacto do ar com o cortim e com as pelles, mas tambem tirar a estas ultimas o todo que ellas possam conter, não havia outra solução senão operar o curtimento no vacuo.

A coisa era mui facil em pequeno, por meio d'uma machina pneumatica e d'um balão de vidro, mas apresentava serias difficuldades ao fabrico em grande, porque era preciso evitar todo o contacto do cortim com o ferro, fundido ou batido, que tem a propriedade de denegrir o cortim e por consequencia as pelles que se mergulham n'elle. — O zinco não podia servir porque o cortim o corrompia mui promptamente. — O chumbo era muito molle para resistir á pressão do ar em cima de grande superficie. — Restava o cobre, que era mui caro e carregava tambem a cór do coiro pelo decurso do tempo, e debaixo da influencia do calor.

Quanto á madeira não se podia pensar n'ella: a sua porosidade que mais augmentaria quando se fizesse o vacuo, não permittindo até certo ponto fazer vacuo pouco mais ou menos perfeito, que emfim não podia subsistir senão durante mui pouco tempo, em quanto as juntas das aduellas, e a porosidade da madeira não tivessem deixado infiltrar, como deixariam sempre, uma quantidade d'ar bastante consideravel; a madeira era, além d'isso, mui provavel que, salvo deixarem-se as aduellas e fundos dos toneis d'uma espessura enorme, não podesse resistir á pressão do ar sobre grande superficie.

A difficuldade teria sido muito menor se o curtimento se pudesse fazer n'um aparelho fixo; mas como era absolutamente necessaria uma machina rotativa para chegar ao resultado appetecido, o fim era muito mais difficil de attingir.

Chegou-se entretanto a resolver este problema, construindo os toneis d'um modo particularissimo.

Os toneis são armados de madeira; uns tem crusetas ou rosetas fundidas que supportam os quicios; outros tem sobre os dois fundos dois discos fundidos com travessas e quicios, tudo d'uma só peça e d'uma espessura sufficiente para supportar o peso do tonel segundo a sua dimensão, e resistir á pressão do ar exterior.

Cada disco fundido termina na circunferencia n'um rebordo, segundo as aduellas horisontaes do tonel, disco que revirado na extremidade, sobe verticalmente até metade da sua espessura. D'ahi por diante o rebordo recurva-se de novo horizontalmente por um comprimento de 0,03 a 0,04 metros para poder prender-se com cavilhas a uma capa ou camisa, que cobre inteiramente a parte cylindrica, ou as aduellas dos toneis.

Esta capa compõe-se de duas partes meio cylindricas fundidas ou de folha de ferro, encaixando mui exactamente sobre toda a roda do tonel.

Estes meio-cylindros tem um rebordo semelhante ao dos fundos, de modo que os rebordos d'um é d'outro possam juntar-se e cavilhar-se, depois de se ter mettido entre um e outro uma folha de gutta percha. Os dois tem ainda, cada um, segundo rebordo acompanhando todo o seu comprimento no sentido longitudinal.

Unem-se os dois rebordos, e põe-se como precedentemente entre elles uma folha de gutta percha ou coiro, que se aperta fortemente por meio de cavilhas, de modo que operem junção perfeita.

No meio da capa deixa-se um buraco quadrado da mesma grandeza que o praticado no tonel. A este buraco está preso um circo de bronze, engatado sobre a capa. Sobre este circo está fixa uma tampa de bronze ou cobre.

Esta tampa é munida d'uma especie de gargalo de parafuso, sobre o qual atarracha uma torneira. Esta torneira termina d'uma parte em rosca sobre a qual se adapta o tubo de chumbo que communica com a machina pneumática, ou com a cuba cheia d'agua ou sumo de casca, de que se vae fallar.

O modo de operar é o seguinte. — Logo que as pelles saem do trabalho da ribeira submettem-se a uma grande pressão para se lhes fazer escorrer a agua que possam conter. Feito isto deitam-se nos toneis com a quantidade de casca ou d'outra materia cortim necessaria ao seu curtimento perfeito, com tanta agua ou sumo quanto fôr necessario para bem humedecer a casca. Aperta-se em seguida a tampa de bronze ou cobre na abertura do tonel. Depois faz-se o vacuo, tão perfeito quanto possivel. A medida que o vacuo se vae fazendo os poros das pelles vão-se dilatando, e assim se acham perfeitamente preparadas a receber o cortim.

Logo que o vacuo está inteiramente feito fecha-se a torneira, e adapta-se á virola um tubo de chumbo communicando com uma grande cuba, ou reservatorio qualquer, previamente cheio de sumo de casca mais ou menos forte, segundo

a qualidade das pelles, que estão no tonel. Estando a outra extremidade do tubo mergulhada n'este sumo, não é preciso mais do que abrir a torneira para que todo o sumo que se acha na cuba ou reservatorio seja impellido com grande força para dentro do tonel, simplesmente pela pressão do ar.

No caso em que o tonel que se quer encher levasse mais liquido que o da cuba ou reservatorio, era preciso ter o cuidado de fechar a torneira logo que o tubo conductor não estivesse mergulhado no reservatorio senão em 0,08 a 0,1 metro de liquido, para impedir a introdução d'ar no tonel. N'este caso encher-se-hia primeiro a cuba de novo sumo, para recommençar depois a operação.

Logo que o tonel que contém as pelles para curtir está sufficientemente embebido de sumo, fecha-se a torneira, e põe-se o tonel em movimento, com o auxilio da pinha em correspondencia com uma roda durante um quarto de hora, meia hora, ou uma hora, conforme o tonel contém bezerros, vaccas, bois, ou toiros. Depois deixa-se repousar uma, duas ou tres horas. Em seguida faz-se gyrrar de novo duas vezes mais tempo que da primeira vez.

Continua-se assim, diminuindo de cada vez o tempo de descanso, e augmentando o do movimento, até que este seja continuo.

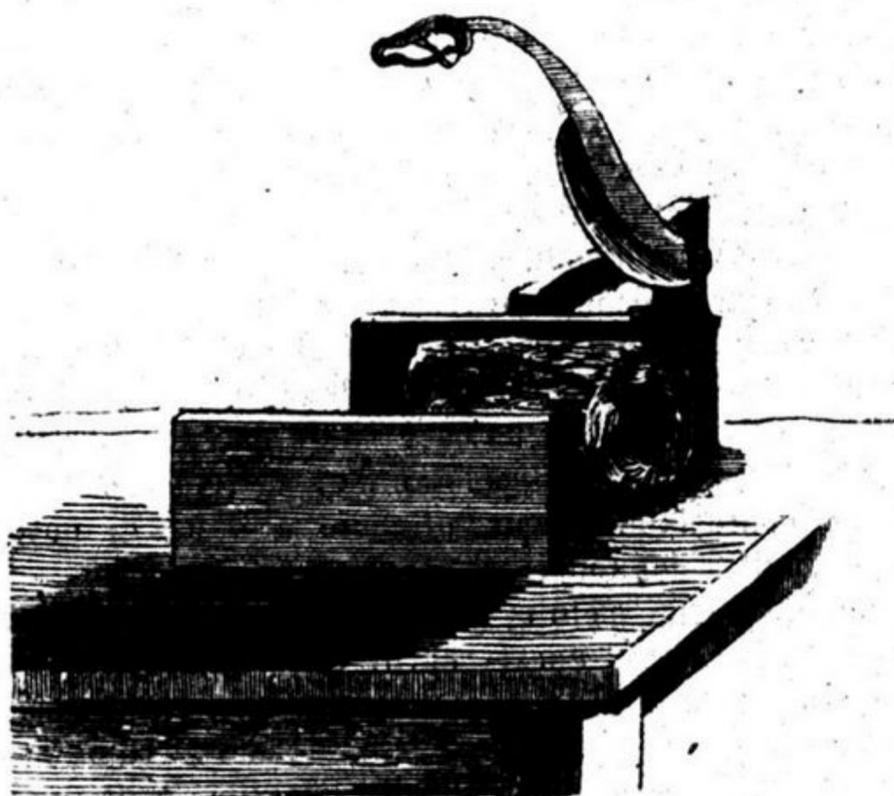
Assim, combinando-se os tres effeitos do vacuo, que dilata o tecido cellular da pelle, e impede a formação do acido gallico; que pelo movimento accelera a decomposição da casca, e opera um apisoamento continuo sobre as pelles: que pelo calor, que é a consequencia inevitavel do movimento, facilita consideravelmente a combinação da gelatina, contida no tecido cellular das pelles, com o cortim; chegam-se a curtir radicalmente as pelles de bezerro em tres a quatro dias, as vaccas em doze a quinze, e os bois ou toiros em vinte a trinta.

A mesma gelatina pode applicar-se ao curtimento em cubas ou tanques praticados no solo, mas com a condição de serem sufficientemente isolados uns dos outros.

Para chegar ao resultado desejado é preciso cobrir a cuba ou tanque com uma chapa fundida estanhada por baixo e que possa levantar-se á vontade. Esta chapa deve ser munida d'um simples gargalo com uma torneira, como se disse acima.

O modo de operar é o mesmo, somente como não ha ali nem rotação, nem por consequencia attricto, nem calor, salvo se se empregar a agua quente, a duração do curtimento será de vinte a vinte e cinco dias para os bezerros, de sessenta a setenta para as vaccas, e de oitenta a cem para os bois ou toiros.

É em verdade um grande melhoramento, o que um tal processo realisa; e uma grande economia, a que resulta de reduzir a um mez um fabrico, que pelos processos ordinarios quasi levava um anno.



MACHINA PARA CORTAR PÃO.

Mr. Theodoro Marstrand, mechanico em Copenhague, expoz em 1855 um pequeno instrumento que, por ser quasi exclusivamente destinado ás herdades, não é menos util aos grandes estabelecimentos. É a machina para cortar pão representada no nosso desenho.

Nas occasiões dos grandes trabalhos, em que os lavradores ajustam os ceifeiros, e trabalhadores com a condição de sustental-os, os criados occupam-se meio dia exclusivamente em cortar o pão para a sôpa. Esta machina é destinada a abreviar este trabalho. Compõe-se ella, como se vê, d'uma caixa que se colloca sobre qualquer mesa, e na qual se mette o pão que se quer cortar em fatias. Uma folha de metal, bem afiada e provida de cabo, joga sobre um parafuso, e corta, quando desce, a fatia de toda a largura do pão.

Por este meio poupa-se muito tempo que pode ser aproveitado em outra coisa.

FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO.

Já em outro volume d'este semanario nós dissemos, com razão, a nosso ver, que nenhum outro assumpto epico se encontrava nos tempos modernos para emparelhar com o da descoberta da America; todavia, dos varios poemas que se occuparam do grande feito, nenhum satisfaz cabalmente á elevação do objecto. Alguns ha impressos, e até de um d'elles traduzido o primeiro canto em portuguez, pelo talentoso Bocage, cujo original, francez, era obra de uma prima do poeta, madame du Bocage. Começa assim:

Eu canto o Genovez, de Urania alumno,
Da inveja, e dos infernos perseguido,
O nauta que do Tejo foi tão longe
Desencantar os indicos thesouros,
Que da aurora ao poente o mar domando,
Para a Fé conquistou mundo ignorado.

Nós, porém, temos, manuscripto, outro poema sobre o mesmo assumpto, original portuguez, em oitava-rhyma, ao qual o seu autor, morto desastrosamente na flor dos annos, não pôde passar a ultima lima, como já tambem dissemos n'este mesmo jornal. Os laços de parentesco e amizade que nos ligavam ao seu autor, não nos cegam a ponto de reputarmos a sua epopea rival dos *Lusíadas* ou da *Jerusalem*, mas parecendo-nos que ha no poema *O Novo Mundo* bastantes oitavas que revelam superior talento, vamos apresentar aos leitores do Panorama algumas d'ellas, que mais sympathias nos merecem.

Repetiremos a estancia com que abre o poema:

Eu canto o Genovez, e a grande empresa
Que este heroe immortal tenta animoso,
Commettendo com placida firmeza
Novo caminho aos homens duvidoso:
Acção pasmosa e de alta fortaleza,
Que faz eterno o nome glorioso
D'aquelle que, sulcando o mar profundo,
Deu ao mundo vetusto um novo mundo.

Depois de uma reunião de deuses no Olympo, imitação de quasi todos os poemas classicos, parte Mercurio a dispor Colombo para a grande empresa. Esta viagem do embaixador de Jove, voando sobre uma parte do mundo, que se encontra no canto 1 da epopea, não nos parece destituida de interesse:

Sobre as azas s'equilibra, e vae sulcando
As raras ondas que lhe oppõe os ares ;
Deixa á dextra o Cathay, não perpassando
Pelos da China portentosos lares ;
Vê soberba Siam, que o Lama infando
Traz em dura oppressão... e além, nos mares,
Assombroso Tidor, Ternate ardente,
Que embalsamando estão um ceo fervente.

O aureo estreito passa, celebrado,
Onde eleva Sumatra a fronte austera ;
Em frente se ergue, do contrario lado,
A terra adusta, onde Malaca impera...
Ali, onde depois Affonso ousado,
Brandindo a espada justiceira e fera,
Sem mostrar-se oppressor, por modo novo
Na cabeça de um rei castiga um povo !

Logo aquem magestosa observa a entrada
Que faz ao mar o Ganges sacrosanto,
Onde tem de elevar-se a decantada
Potente Calcuttá, da Aurora espanto !
Do temivel bretão a horrenda espada
Fará sobre o Mogol estrago tanto,
Que hãode rios correr tintos de sangue,
Nos pagodes Bramá julgar-se exangue.

Vê mais Coromandel que inda hade um dia
Sobre a plaga sentir Madrasta ingente,
E a santa casa onde Thome fazia
Milagres, por mercê de um Deus potente :
Nem lhe escapa a que teve a primazia
Entre as ilhas gentis do rôxo Oriente,
Balsamica Ceylão, onde um conflicto
Tem de honrar dois heroes, Coutinho e Brito.

Ja sobre o Malabar campêa airoso,
As azas divinaes batendo asinha ;
As terras vê do Çamorim poderoso
E a opulenta Canará visinha ;
Doirada Goa, emporio portentoso,
A sombra de Albuquerque inda não tinha,
A omnipotencia disputando aos numes,
Coberto de terror persas e rumes.

Ainda não tem a torreada Diu
Enchido de Sumano o imperio escuro,
Nem a altiva Cambaia inda sentiu
Ferreio Silveira, Mascarenhas duro ;
Ormuz e Baçaim, Damão não viu
Galgar potente o portuguez seu muro ;
No regaço da paz Meca inclinada,
A continuo terror não está prostrada.

Cruza o madido golpho que separa
D'Asia e d'Africa as praias estridentes ;
Vê Mombaça, Melinde, e essa preclara
Ilhota de conchinhas reluzentes :
Passa a ponta avernal que se creara
Para terror das undivagas gentes,
E onde d'alta Ulyssea a musa inda hade
Cantar Colombo, ao som da tempestade ! (1)

(1) O autor trabalhava na confecção da sua epopéa, quando esteve quasi perdido no Cabo da Boa Esperança, em 1835.

Já sobre o mar Athlantico, profundo,
Desprega as azas Cyllenéo contente,
Vê entre sombras, para a esquerda, um mundo
Que vae já franco ao outro ser patente ;
Em busca do Ligure sabio e jucundo
Apressa mais e mais o vôo ingente ;
Pelo hemispherio norte emfim passando,
Eil-o já sobre o lar do heroe poisando.

Tambem nos parece digna de ver-se a seguinte galeria de heroes do Novo Mundo, que a America apresenta em sonhos ao seu futuro descobridor.

Olha, e fita o primeiro que zombando
Parece estar do fado preeminente,
Compatriota teu, que não tocando
Antes de ti no vasto continente,
Com soberba fallaz vae arrogando
De tão preclara acção a gloria ingente.
A ponto de negar teu nome á terra
Que em negras sombras o occidente encerra.

Olha o busto d'aquem, que um genio ousado
Te mostra, em tudo, singular, famoso ;
Balbôa o nome seu ; enthusiasmado,
Por não vistos cantões trilha vaidoso :
Subindo ao maior cume alcantilado,
Entre as nuvens de ceo caliginoso,
O mar descobrirá placido e brando,
Que outro genio maior irá sondando.

Eil-o d'além, que impavido, atrevido,
De um volver de olhos abrangendo a terra,
Tendo ao tumido mar audaz vencido,
Em longinquo paiz soberbo aferra ;
Havendo em novo oceano emfim surgido,
De antipodas as duvidas desterra,
E enchendo de terror o mar profundo,
Primeiro, igual ao sol, dá volta ao mundo.

Olha est'outro d'aqui, tambem é luso,
Queiroz, o grão Queiroz, que hade afanoso
Quasi ao polo chegar, onde, confuso,
Em vez d'agua, vê gelo pavoroso.
Olha mais um de merito inconcuso,
É Pizarro, o guerreiro portentoso ;
Vê junto d'elle Almagro levantado...
Ah ! que misero fim lhe guarda o fado !

Com respeito, Colon, o busto encara
De assombroso Cortez, que heroc seria,
Se o brilho de seus loiros não manchara
Com a mais feroz, cruenta tyrannia.
Cabral mira de cá, que sorte rara
Ao Ophir do occidente impelle, ou guia ;
E junto d'elle attenta Ercilla o vate,
Que ora as musas invoca, ora combate.

Olha mais Orellana, que primeiro
O Amazonas navega destemido;
Esse rio caudal e sobranceiro
Que repelle na foz o mar temido.
Olha Cook, o famoso aventureiro,
Que da fera Albion tendo partido,
Hade em fraco baixel, qual sol luzente,
Tres vezes descrever orbita ingente.

D'esta parte Vieira enxerga, ousado,
Que a Hollanda e o Brazil enche de espanto;
Eis seu digno rival d'este outro lado. . .
Washington immortal só pode tanto!
Vê mais Caramurú, que ignoto fado
Faz ser merecedor de epico canto;
E se o sabio té apraz, o gallo encara
Que ao nivel vendo o ceo, só então pára.

Porém o deprimir seria um crime
A gloria do mortal que assombra o mundo!
Vês este a quem Phaetonte a côr imprime?
É Dias portentoso, furibundo.
D'este sacro logar jámais se exime
Aquelle que em acções se vê fecundo:
É branca ou negra côr mero accidente. . .
Estatua lhe ergo aqui d'ebano ingente.

Vê mais La Maire, Chabot, Hudson valente;
Vê Francia, Bolivar na guerra ousado;
Las Casas singular, Franklin prudente,
Sabio Andrada, Dom Pedro sublimado;
Quem ha ahi que da abobada luzente
Tenha o numero de astros já contado,
Esse conte os heroes de Apollo e Marte
Que inda hãode abrilhantar a Ocidea parte.

O segundo canto do poema trata dos preparativos da empresa, conquista de Granada, e saída das tres naus *Santa Maria, Pinta e Nina* do porto de Palos. No terceiro canto, proseguindo a viagem da descoberta, encontra-se a descripção de um temporal, e as manobras de bordo, talvez com superabundancia de termos technicos; d'esse episodio copiaremos duas oitavas, escriptas com fogo, posto que conheçamos o hyperbolico das suas imagens:

Eis ribomba o trovão, que susto inspira,
Nuncio do raio, pela senda horrivel;
Os espaços do ar por onde gyra,
Crestando vae com o fogo inexaurivel:
O mar espuma de raivoso, e em ira
Querendo ver do ceo seu reino ao nivel,
Com vagas furibundas salva os mastros,
Chega quasi a apagar a luz dos astros.

Emtanto aos remessões o lenho errante
Ergue-se além das nuvens um momento,
Rasga do ultimo ceo o veo brilhante
O tópe, a querer tocar no firmamento:
Agora desce ao pégo devorante,
E o fundo observa ao humido elemento;
Com pasmo a gente vê. . . oh maravilha!
Por tres vezes roçat no Averno a quilha!

No quarto canto encontra o heroe a ilha Athlantida de Platão, e vê-a submergir-se, deixando-lhe a passagem livre para a America, aonde chega. O quinto canto abre assim:

Qual a agulha polar, que buliçosa
Gyra a um lado e a outro, inquieta, errante,
E nos seus movimentos duvidosa,
Busca o arctico polo ver diante;
Mas logo que o divisa pára airosa,
Extatica ficando n'um instante. . .
Arcano que inda a natureza occulta,
Mysterio que nas sombras se sepulta!

Assim o nosso heroe ao ver a bella
Perspectiva do porto desejado,
Contempla extasiado e absorto aquella
Terra da promessa que havia achado:
Ah! que faria o vencedor de Arbella,
Que, porque um mundo só tinha encontrado,
Outr'ora já chorou, se visse ufano
Novo mundo surgir do vasto Oceano!

No sexto canto acha-se uma descripção da Europa, imitada dos *Lusiadas*; no setimo os amores de Colombo com uma indiana; o oitavo e nono não estão completos, e o decimo e ultimo termina assim:

Entanto no baixel o heroe fendia
Do velho Oceano o dorso prateado;
A terra no horisonte se escondia,
Deixando só patente o mar salgado:
Té que surgiu no oriente o dia
Em que pôde de rosto levantado,
Dizer ao rei de Hespanha, nos seus lares:
«Dou-te esse mundo, que encontrei nos mares.»

F. M. BORDALO.

HISTORIA DOS AMULETOS.

A palavra *amuleto* serve para designar os objectos que se trazem pendurados no peito, aos quaes se attribue a propriedade de livrar quem os traz, ou de dôres e enfermidades, ou de desgraças e infortunios. Da palavra latina *amuleta*, originariamente *amoleta*, que Vossius deriva de *amoliri* (apartar, afastar) procede a palavra amuleto.

Quando uma pessoa naturalmente credula e supersticiosa se encontra livre de grande perigo; quando repentinamente desapareceu alguma profunda dôr, ou sobreveiu um feliz successo que arrancasse da miseria a pessoa favorecida, poucas vezes o seu espirito attribue estes varios acontecimentos á sua verdadeira causa. Em lugar de ver n'estes acontecimentos o resultado do encadeamento de circumstancias; o concurso de successos produzidos por outros anteriores; uma reacção em virtude das leis physiologicas; ao contrario julgará que são consequencias devidas a causas inteiramente estranhas, e attribuirá a producção d'estas vicissitudes, a que pelo seu imprevisito character dá uma certa appa-

rencia milagrosa, a um objecto que no fundo é completamente indifferente. Quando se misturam crenças religiosas, as preocupações costumam ser mais arraigadas e perigosas; como que a ignorancia das causas reaes é profunda, e a imaginação pobre dos supersticiosos não alcança a razão das coisas, os erros são mais funestos. A crença na virtude dos amuletos é uma grosseira superstição, fructo da ignorancia das causas reaes, e cuja persistencia é devida ás casualidades que algumas vezes parece confirmar a efficacia do seu destino.

O Oriente é a patria dos amuletos, bem como de todas as crenças que mais fortemente tem dominado o espirito humano. Os judeus conheciam os amuletos com o nome de *Tothaphoth*. Moysés, para destruir esta superstição do seu povo, ordenou que ou na mão, ou sobre a fronte pozessem preceitos copiados da lei; que os mesmos preceitos se fixassem nos umbraes das casas, e nos pilares das portas; substituindo assim por um costume moral que a toda a hora devia recordar aos israelitas os deveres que tinham a cumprir, aquella pratica supersticiosa. Este costume de levar porém escriptas nos vestidos sentenças tiradas do Pentateuco (*Tephilim*, como diziam os hebreus) prompto degenerou n'uma superstição religiosa absolutamente semelhante á que Moysés quizera desterrar; não tardou em se lhes attribuir uma virtude material e intrinseca, que os transformou em verdadeiros amuletos. As mulheres dos judeus também usavam certas alfayas que acreditavam como preservativos poderosos. Os *lekhaschim*, ou figuras das serpentes de que falla Isaias, entravam n'este numero; tinham a propriedade de afastar os maus espiritos e livrar de animaes venenosos. Em geral suppunha-se pelo principio *similia similibus*, que as imagens dos animaes maleficos conjuravam os animaes que representavam. A crença que fazia ás mulheres judias usarem estes amuletos, obrigou Moysés a erigir a serpente de metal para curar os que eram mordidos por estes reptis.

No tempo de Jesus Christo, o uso dos amuletos e encantos estava muito em voga entre os hebreus. Attribuia-se a Salomão a composição de alguns que se consideravam mais poderosos. Diz o historiador Joseph que com elles se conjuravam os maus espiritos, e se preservava de enfermidades. Similbante superstição provinha evidentemente dos antigos persas, entre os quaes os *tahoids*, ou *taahoids* representavam o mesmo papel. Applicavam-se também sobre diversas partes do corpo para se livrarem de differentes males. O que autorisa tal similhaça, é, que estes *tahoids* se faziam em nome de *Feridoun*, celebre rei cuja historia offerece mais analogia com a de Salomão.

Os amuletos, propriamente ditos, foram pouco usados entre os gregos e romanos. Os primeiros traziam algumas vezes anneis magicos para se curarem de certas enfermidades; empregavam

como encantos ou talismans certos objectos. Hervas reputadas magicas tinham propriedades analogas, e por isso cingiam com ellas as fontes da cabeça, como o lembra Virgilio na egloga setima. Por isso usavam também collares de certas conchas e coral, que penduravam ao pescoço das creanças.

Tarde foi porém que esta pratica se introduziu entre os gregos e romanos. Na epoca imperial foi que principalmente se vulgarizou o seu uso. Vieram acompanhados das doutrinas orientaes. Os gnosticos, que foram os introductores das crenças asiaticas no Occidente, davam muita fé á virtude dos amuletos. Na Persia, na Syria, e no Egypto foi onde se contrahiram tão supersticiosos costumes. Os cylindros persepoliticos, e as figuras que se encontram nos sepulchros egypcios, eram de certo amuletos, e os israelitas acostumaram-se ao seu uso enquanto estiveram na terra de Pharaó.

Os arabes, a cuja raça os hebreus pertencem, são muito supersticiosos, e até usam cobrir o corpo com sentenças do Alcorão, e trazer anneis com pedras preciosas, e varios objectos que imaginam ter virtude de curar enfermidades, expulsar demonios, e destruir os maus effeitos dos encantamentos.

Os persas fazem uns saccos pequenos dentro dos quaes encerram sentenças copiadas do Alcorão. Estes amuletos trazem-n'os ao peito, no pescoço, e até no braço; e mesmo os penduram nos animaes para os preservar de maleficios e enfermidades.

A maior parte dos musulmanos da India trazem ao pescoço, no turbante, no braço, ou no pulso o *Ism*, palavra sagrada escripta n'alguma placa de metal, ou pedaço de porcelana, ou em papel, ou bordada n'um pedaço de *kumkhwab*, que é uma seda tecida com flores de oiro e prata.

Os tartaros, chins, e os brahamistas usam também amuletos. Os buddhistas da ilha de Ceylão applicam nas partes do corpo, onde sentem dôres, figuras de demonios, e acreditam piamente que se curam com estas cataplasmas de nova especie.

Tambem os christãos adoptaram o uso dos amuletos. Poderíamos citar os concilios de Laodicea, Ancira, Carthago e outros que prohibem taes usos, e condemnam taes superstições; porém limitar-nos-hemos a dizer que a Igreja sobre este ponto já deu terminantemente o seu parecer.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCHH

Do que succedeu a Marco Antonio, secretario de Manuel da Silva.

Marco Antonio parecia de nação italiano, e

fallava muito bem portuguez. Este homem era secretario do conde Manuel da Silva, e muito seu mimoso. Elle tinha escondido o dinheiro e peças do dito Manuel da Silva, e foi chamado por um capitão castelhano, e o não conhecia porque se mudavam os homens e trajos de ratiños, e não faltavam malsins que por pouca cousa os descubriam, e os castelhanos os amarravam com as mãos detraz e os levavam ante o auditor geral, e o marquez, e seus capitães, como eu vi vir um fidalgo, por nome D. Manuel, e amarrado com as mãos detraz, e descalço ante o auditor, e d'ahi foi preso para as galés. Este Marco Antonio assim foi tomado demudado: perguntando quem era diceram ao capitão, que era Marco Antonio, secretario de Manuel da Silva. Ordenou de lhe dar tormentos, que confessasse onde estava o dinheiro, e o haver que tinha Manuel da Silva. Antes que lhos dessem confessou, e o foi mostrar. Recolheu o capitão, e folgou muito, e lhe deu os vestidos seus, e o largou. Quando o marquez soube que Marco Antonio estava na cidade mandou-o logo ir perante si, e lhe dice que entregasse o dinheiro de Manuel da Silva, ou dicesse onde estava, senão que lhe havia mandar dar tormentos. Dice-lhe Marco Antonio, que um capitão, morador na rua da Conceição, desta cidade, o tomara, e lhe começára a dar tormentos, e que temorisado delles lho descobrira e entregara, e que estava senhor d'elle. Ficou o marquez apaixonado: mandou logo chamar o capitão, e perante Marco Antonio lhe perguntou, e mandou que entregasse logo tudo, que não era seu, nem lhe tocava, porque além de serem passados os tres dias do saque, que tocava a sua magestade, que logo o fosse entregar. O capitão deu as razões que lhe pareceu, negando que Marco Antonio lhe não dera dinheiro. Mandou-o o marquez prender, dizendo que lhe havia dar grandes tormentos. Levou-lhe Marco Antonio testemunhas como o deu. Não quiz o capitão esperar os tratos, entregou tudo dizendo que a culpa fôra sua não matar Marco Antonio. Poz-se em cobro o ditto Marco Antonio, e o marquez mandou ao capitão o segurasse, e assim o fez o capitão, e mandava que andassem guardas com elle té que o ditto Marco Antonio se embarcou, e dizem que se foi nas galés, sem mais apparecer té hoje. Dizem que de Sevilha se foi para as Indias de Castella, e nunca mais houve d'elle novas.

XCIV.

Do que aconteceu a Melchior Gonçalves com o marquez.

Tinha sido nesta cidade um Antonio Soares muitos annos feitor da alfandega por el-rei D. Sebastião, e neste tempo havia feitor do contracto, e as feitorias eram de grande proveito. Este Antonio Soares era homem solteiro, não tinha gasto algum, ajunctou alguns onze mil cruzados em bom dinheiro. Tinha por muito seu

amigo a um Melchior Gonçalves, mercador, e se fiou d'elle, dizendo-lhe que lhe havia esconder aquelle dinheiro, que buscasse aonde. Fez o ditto Melchior Gonçalves uma parede falsa, e entre ella e um secreto metteu o dinheiro. Tanto que o marquez esteve na cidade perguntou pelos feitores d'el-rei, assim pelos que tinham servido, como pelos que serviam. Elles estavam escondidos, não queriam apparecer. Diceram ao marquez que o ditto Melchior Gonçalves era grande amigo de Antonio Soares, o qual podia dar razão d'elle. Mandou-lhe o marquez que dentro em tantos dias desse razão d'elle, senão que por elle o havia de haver. Veiu o pobre temorisado e triste, e imaginativo, e veiu ver a sua casa, e achou nella soldados, os quaes andavam cavando toda a casa como faziam a muitos, e fizeram, que té os telhados viraram e forros de casas. O tempo que lhe dera o marquez ia-se acabando, e elle não sabia do ditto Antonio Soares seu amigo, e ainda que o soubera não havia fazer o tal, nem dal-o a prisão. Elle imaginava se lhe dariam os soldados com o dinheiro, e para lhe dizer que eram acabados os tres dias de saque, que não cavassem, era avisal-os, porque o marquez esteve 22 dias na cidade e em todos não havia que despedir soldados das casas, té que se embarcaram. Elle para commetter partido com os soldados que partiriam pelo meio o dinheiro, era peor, porque, descoberto, haviam de o matar, e tomar-o todo, e enterral-o como fizeram a muitos. Deliberou-se a se remir com elle para com o marquez, porque tambem lançou entre si conta, que se os soldados das casas dessem com elle, que Antonio Soares o não havia de crer, senão que elle o tomara, e que fingia aquillo. Foi se ter com o marquez no ultimo termo e lhe dice: *V. S. saberá que eu não posso ter noticia de Antonio Soares, nem sei onde é botado, nem escondido, mas eu sei onde estão onze mil cruzados seus em bom dinheiro, que se fiou elle de mim. V. S. faça nisto o que for servido, porque assim como descubro o dinheiro descobrira a elle, porque não sei se é morto se vivo, e sei que não tinha outro mais, e estes tinha junctos para elle e para dar suas contas.* O marquez em lhe ouvindo isto o abraçou, e lhe fez muita festa, promettendo-lhe mercês; e logo mandou um capitão e um seu secretario em busca do dinheiro. Quando os soldados que viviam nas casas viram o tal, ficaram mortos, dizendo que já determinavam furar todas as paredes das casas. E levaram o dinheiro todo, e o ditto Antonio Soares dizem que se embarcou ás escondidas, e que quando em Lisboa soube do dinheiro, que morreu de nojo. Isto se contou publicamente nesta cidade de Angra.

O passo mais arriscado da vida é o casamento; elle dá um anjo, ou um demonio; traz a paz, ou a guerra; conduz ou á habitação das graças, ou á das furias.